

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E DINÂMICAS GLOBAIS DE PRODUÇÃO NAS CAPITAIS REGIONAIS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Patrick José Santiago ¹

Resumo

A reestruturação produtiva iniciada no Brasil a partir da década de 1970 promoveu profundas transformações no território do estado do Rio de Janeiro, atribuindo às cidades médias novas lógicas e dinâmicas urbano-econômicas, intensificadas sobretudo a partir dos anos 2000. Inseridas no contexto do capitalismo contemporâneo, essas cidades passaram a desempenhar funções articuladoras na rede urbana, reforçando hierarquias e fluxos econômicos regionais e internacionais. Nesse sentido, o artigo analisa a reestruturação produtiva nas Capitais Regionais do estado do Rio de Janeiro e seus Arranjos Populacionais, articulando revisão bibliográfica com a análise de dados econômicos, como Produto Interno Bruto, balança comercial e empregabilidade, no período entre 2000 e 2020. Busca-se compreender como a posição geográfica, as estruturas historicamente constituídas e as transformações econômicas nacionais e globais impactam essas cidades, reconfigurando suas funções urbanas e suas relações econômicas globais a partir das dinâmicas de produção contemporâneas.

Palavras-chave: Cidades médias; Industrialização; Rede Urbana; Divisão territorial do trabalho.

PRODUCTIVE RESTRUCTURING AND GLOBAL DYNAMICS OF PRODUCTION IN THE REGIONAL CAPITALS OF THE STATE OF RIO DE JANEIRO

Abstract

The productive restructuring that began in Brazil in the 1970s brought about profound transformations within the territory of the state of Rio de Janeiro, introducing new urban-economic logics and dynamics to its medium-sized cities—a process that intensified, in particular, from the 2000s onward. Within the context of contemporary capitalism, these cities have come to perform articulating functions within the urban network, reinforcing both regional and international economic hierarchies and flows. In this light, this article analyzes productive restructuring in the "Regional Capitals" (as defined by official Brazilian geographic classification) of the state of Rio de Janeiro and their

¹ Doutorando em Geografia, UFRJ, pjs.ufrj@gmail.com

associated population clusters. It combines a literature review with an analysis of economic data—such as Gross Domestic Product (GDP), trade balance, and employment—covering the period from 2000 to 2020. The study seeks to understand how geographical location, historically established structures, and national and global economic shifts impact these cities, thereby reconfiguring their urban functions and global economic relations in line with contemporary production dynamics.

Keywords: Medium-sized cities; Industrialization; Urban network; Territorial division of labor.

REESTRUTURACIÓN PRODUCTIVA Y DINÁMICAS DE PRODUCCIÓN EN LAS CAPITALES REGIONALES DEL ESTADO DE RÍO DE JANEIRO

Resumen

La reestructuración productiva iniciada en Brasil en la década de 1970 impulsó profundas transformaciones en el territorio del estado de Río de Janeiro, atribuyendo nuevas lógicas y dinámicas urbano-económicas a las ciudades medianas, intensificadas especialmente a partir del año 2000. Insertadas en el contexto del capitalismo contemporáneo, estas ciudades comenzaron a desempeñar roles articuladores en la red urbana, reforzando jerarquías y flujos económicos regionales e internacionales. En este sentido, este artículo analiza la reestructuración productiva en las capitales regionales del estado de Río de Janeiro y sus arreglos poblacionales, articulando una revisión bibliográfica con el análisis de datos económicos, como el Producto Interno Bruto, la balanza comercial y el empleo, en el período comprendido entre 2000 y 2020. Busca comprender cómo la ubicación geográfica, las estructuras históricamente constituidas y las transformaciones económicas nacionales y globales impactan en estas ciudades, reconfigurando sus funciones urbanas y sus relaciones económicas globales con base en las dinámicas de producción contemporáneas.

Palabras clave: Ciudades Medianas; Industrialización; Red Urbana; División territorial del trabajo.

Introdução

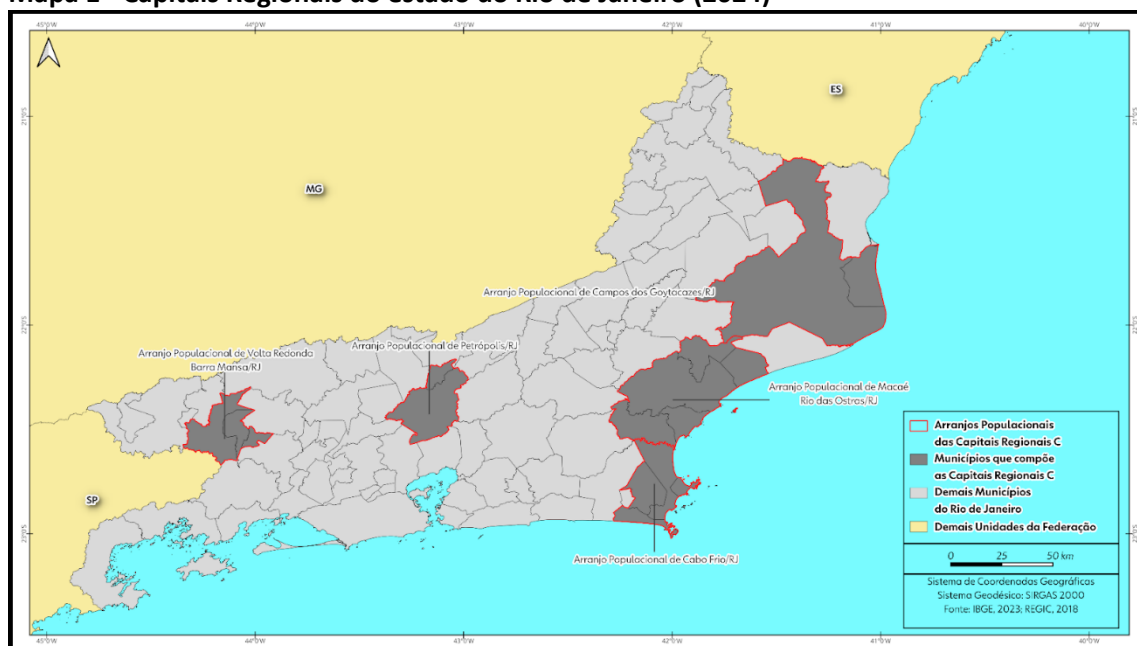
As transformações econômicas decorrentes da reestruturação produtiva e da reorganização dos fluxos globais de produção nas últimas décadas — com destaque para a crise global de 2008 e a ascensão da China como potência econômica global e a criação do BRICS em 2006² — impactaram diretamente a organização territorial brasileira, por intermédio das mudanças nas relações econômicas internacionais. Nesse contexto, alterações nas dinâmicas industriais, logísticas e de circulação do capital contribuíram para redefinir funções urbanas, centralidades regionais e as posições hierárquicas na rede urbana, especialmente em cidades médias e nas capitais regionais.

Esse processo se valida, em nossa leitura, a partir do forte crescimento no Produto Interno Bruto da China, entre as décadas de 1990 e 2020, que realizando um comparativo por década, apresentou aumentos de 236%, 403% e 141% entre 1990 e 2000, 2000 e 2010 e 2010 e 2020, respectivamente (Banco Mundial, 2025).

Diante desse contexto histórico e econômico, problematizam-se os impactos dessas transformações nas dinâmicas internas do Brasil, especialmente no que se refere à hierarquia urbana, às posições das cidades na rede urbana e às configurações intraurbanas que se manifestam em cada uma delas. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar e debater a relação entre a estrutura e a função das Capitais Regionais C do estado do Rio de Janeiro, seus respectivos Arranjos Populacionais (Mapa 1) e a dinâmica econômica que caracteriza esses espaços em sua inserção na lógica global de produção.

² De acordo com o endereço eletrônico: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/agenda-internacional/missoes-internacionais/cupulas-do-brics/reuniao-do-brics-2023/historia-do-brics>

Mapa 1 - Capitais Regionais do estado do Rio de Janeiro (2024)



Fonte: IBGE (2024a); REGIC (2018). Composição dos Arranjos Popacionais: Cabo Frio: Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio e São Pedro da Aldeia; Campos dos Goytacazes: Campos dos Goytacazes e São João da Barra; Macaé-Rio das Ostras: Carapebus, Casimiro de Abreu, Conceição de Macabu, Macaé e Rio das Ostras; Petrópolis: Areal e Petrópolis; Barra Mansa-Volta Redonda: Barra Mansa, Pinheiral e Volta Redonda.

Entendemos, nesse contexto, que os cinco Arranjos Popacionais das Capitais Regionais do estado do Rio de Janeiro são impactados pela reestruturação produtiva e pelas transformações econômicas globais e, por isso, expressam formas distintas de inserção na reestruturação produtiva contemporânea, articuladas às especificidades locais, às heranças territoriais e às novas dinâmicas econômicas globais.

Barra Mansa e Volta Redonda são reconfiguradas pelas mudanças nas relações metropolitanas, orientadas por uma lógica intermetropolitana e pela intensificação dos fluxos de bens e serviços; Petrópolis é impactada diretamente pela dinâmica da metrópole e pela reorganização da periferia metropolitana, sobretudo a partir do setor de tecnologia; Campos dos Goytacazes, Macaé e Rio das Ostras têm suas dinâmicas urbanas e econômicas profundamente reestruturadas pela inserção do setor de petróleo e gás, que redefine esses municípios e suas respectivas hinterlândias; e Cabo Frio é influenciada tanto pelo contexto metropolitano quanto pela expansão das atividades vinculadas ao setor petrolífero.

Dessa forma, o artigo apresenta uma análise da relação econômica e urbana dos cinco Arranjos Populacionais das Capitais Regionais do estado do Rio de Janeiro, a partir da observação de um problema central para as pesquisas urbano-regionais contemporâneas: Como as lógicas globais de produção impactam a produção do espaço e a posição hierárquica das Capitais Regionais do estado do Rio de Janeiro na rede urbana contemporânea e como as relações econômicas internacionais podem expressar esse fenômeno?

Para isso, estruturamos o texto em três seções. A primeira aborda a reestruturação produtiva do território fluminense, considerando as especificidades produtivas de cada parcela do estado; a segunda analisa os dados econômicos e de empregabilidade; e a terceira aprofunda as questões locacionais, estruturais e morfológicas das cidades analisadas, bem como suas funções enquanto cidades médias e suas relações internacionais. Por fim, nas considerações finais, os resultados são articulados, destacando as relações entre a economia urbana contemporânea e as posições ocupadas por essas cidades na rede urbana.

As lógicas produtivas na reestruturação do estado do Rio de Janeiro

Propomo-nos a analisar as Capitais Regionais do estado do Rio de Janeiro a partir de uma perspectiva de reestruturação produtiva, processo que passa a conformar o território nacional desde a década de 1970, impulsionado pelos avanços de uma lógica global de competitividade, e que se intensifica e remodela com maior força ao longo da década de 1990 (Gomes, 2010). Nesse sentido, a autora destaca que a abertura comercial e financeira, associada à adoção de políticas neoliberais nesse mesmo período, atuou como elemento central na promoção das inovações tecnológicas e na redefinição das formas de organização da produção e do trabalho (Gomes, 2010, p. 93–94).

Essa reestruturação produtiva, no estado do Rio de Janeiro, atinge os cinco Arranjos Populacionais do nosso campo de estudo de modos distintos, e em momentos históricos e políticos também distintos. Oliveira (2003) aponta para a concentração histórica de investimentos no setor industrial a partir das ligações entre a cidade do Rio de Janeiro e

Santiago, Reestruturação produtiva e dinâmicas de produção nas capitais regionais do

Estado do Rio de Janeiro

DOI: 10.51308/continentes.v1i29.836

os estados de Minas Gerais e São Paulo nos apontando para a fragmentação do território, partindo desse viés de orientação do desenvolvimento industrial a algumas áreas, e aponta diretamente para o fato de que:

[...] a industrialização ocorre associada aos eixos viários que ligam a cidade do Rio de Janeiro a São Paulo – através da BR 116 Sul, Rodovia Presidente Dutra, e BR 101 Sul, Rodovia Rio-Santos – e ao Estado de Minas Gerais – através da BR 040, Rio-Juiz de Fora. (OLIVEIRA, 2003, p.44).

Oliveira (2003) indica que a fragmentação da estrutura territorial do estado do Rio de Janeiro, no sentido norte, começa a ser progressivamente superada apenas com a construção da Ponte Rio–Niterói e com a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, em meados da década de 1970. Até então, segundo o autor, não havia fluxos econômicos de impacto significativo entre o Norte Fluminense e a capital do estado (Oliveira, 2003, p. 44). O autor complementa ainda que um marco fundamental da reestruturação produtiva fluminense, sobretudo na porção norte do território, foi o avanço das atividades extrativistas na Bacia de Campos, que passa a assumir expressiva relevância econômica entre as décadas de 1990 e 2000.

Piquet (2021) aprofunda essa análise ao examinar as dinâmicas das empresas petrolíferas e sua atuação no Norte Fluminense, destacando, em particular, a decisão locacional da Petrobras, que se instala em Macaé, na década de 1970, em detrimento de Campos dos Goytacazes, então município polo da região. Com base em dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a autora demonstra que a Bacia de Campos se consolidou como a principal região produtora de petróleo do país entre 1980 e 2000, registrando, apenas no ano de 2000, a extração de 56.669.639 m³ de petróleo (Piquet, 2021, p. 15). Esse processo ocorre de forma concomitante ao desinvestimento no setor sucroenergético, que até então constituía o principal eixo da economia norte-fluminense, alterando as fontes de renda locais e impactando de maneira significativa as dinâmicas populacionais, espaciais e os padrões locacionais das atividades produtivas da região (Piquet, 2021, p. 16).

Diante desse quadro, observa-se que a reestruturação produtiva no estado do Rio de Janeiro, orientada por novos horizontes econômicos, inicia-se ainda na década de 1990,

Santiago, *Reestruturação produtiva e dinâmicas de produção nas capitais regionais do*

Estado do Rio de Janeiro

DOI: 10.51308/continentes.v1i29.836

mas torna-se mais evidente a partir dos anos 2000, conferindo ao Norte Fluminense um novo vetor de desenvolvimento industrial. Esse processo implica também transformações nas relações e nas práticas espaciais, conforme assinala Corrêa (1995), uma vez que tais mudanças reconfiguram as formas de organização do território.

Essa dinâmica deve ser compreendida no contexto mais amplo da reestruturação produtiva vivenciada no país, que, conforme aponta Gomes (2010), especialmente a partir de Lencioni (1998), não se caracteriza pela simples sobreposição de formas e objetos espaciais, mas por processos contínuos de adaptação e transformação desses e de outros elementos que estruturam as relações econômicas e sociais.

Em consonância com essa interpretação, Soja (1993) contribui ao afirmar que a reestruturação não constitui um processo automático ou mecânico, cujos resultados sejam previamente determinados. Trata-se, ao contrário, de uma reação a mudanças significativas nas condições e práticas sociais preexistentes, produzindo fluxos intensificados, transições dinâmicas e estratégias simultaneamente ofensivas e defensivas. Dessa forma, a reestruturação não pode ser entendida como uma reforma parcial ou total, mas como um movimento permanente de ajustes às novas lógicas e dinâmicas do capitalismo contemporâneo.

Observamos, assim, que a reestruturação no estado do Rio de Janeiro teve como guia um novo horizonte econômico, passando de uma lógica extremamente centralizada na então Capital Federal, a cidade do Rio de Janeiro, a partir da possibilidade de beneficiamento e escoamento pelo porto, como aponta Oliveira (2003) e que tenha como o aspecto fragmentado por funções, como aponta o autor ao indicar que

Até fins do século XIX, a industrialização ocorria no Estado do Rio em dois pólos: no norte do estado, com a agroindústria sucro-alcooleira, que se consolidou com a instalação da estrada de ferro em meados do século XIX, ligando a cidade de Campos à cidade do Rio de Janeiro; e no sul, ao longo do vale do Rio Paraíba do Sul, onde se desenvolve uma incipiente industrialização ligada, essencialmente, ao atendimento dos mercados locais e regionais de produtos manufaturados patrocinados pelo capital gerado na cafeicultura. (OLIVEIRA, 2003, p. 59).

Nesse primeiro momento histórico, conforme a leitura de Oliveira (2003, p. 59–61), é possível destacar alguns aspectos centrais da fragmentação territorial e das lógicas econômicas e industriais no estado do Rio de Janeiro. No caso do Norte Fluminense, observa-se uma industrialização inicialmente voltada ao beneficiamento da produção sucroalcooleira, que se intensifica posteriormente com a implantação da infraestrutura ferroviária voltada ao atendimento da cidade de Campos dos Goytacazes, promovendo uma articulação mais contínua e frequente entre essa região e a capital.

Já no Sul Fluminense, o capital agrícola acumulado a partir da cafeicultura passa a ser progressivamente direcionado a um vetor industrial, processo intensificado na década de 1940 com a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em Volta Redonda. Essa implantação se articula tanto à malha ferroviária preexistente quanto à Rodovia BR-116, conectando o município à então Capital Federal e à metrópole paulista. Conforme já apontado por Oliveira (2003), observa-se, a partir da década de 1950, um processo de articulação dessa fragmentação territorial, impulsionado por investimentos federais em infraestrutura rodoviária e pela interiorização da industrialização no território fluminense, configurando um novo momento da reestruturação produtiva estadual.

A partir da década de 1950, uma nova fase da industrialização se verifica no território fluminense, agora sob a égide das políticas federais de integração das principais áreas industriais do país. Trata-se dos investimentos em rodovias de ligação do Distrito Federal com as principais cidades da Região Sudeste e da instalação de diversas empresas estatais, ao longo dos eixos viários constituídos, visando dinamizar os principais setores industriais estratégicos para a economia do país. (OLIVEIRA, 2003, p.63).

Assim, o que podemos apontar, sobre a reestruturação produtiva do estado do Rio de Janeiro, dentro da perspectiva deste artigo, é que existe uma desigualdade de investimentos no território do estado, gerando uma fragmentação histórica entre o Sul, Santiago, *Reestruturação produtiva e dinâmicas de produção nas capitais regionais do*

Estado do Rio de Janeiro

DOI: 10.51308/continentes.v1i29.836

o Norte do estado e a metrópole, proporcionando-nos uma leitura de um desenvolvimento industrial tardio no norte fluminense, porém, de certa maneira, efetivo, como veremos nos dados de empregabilidade, de produção e de relações internacionais. Ademais, podemos apontar para uma estruturação também complementar entre as Capitais Regionais do Estado e a Metrópole, principalmente por meio das articulações, mas também, para o caso de Cabo Frio, pela complementaridade no turismo, que como aponta Oliveira *et al.* (2020) se avança no estado com a concepção de “região dos lagos”, em complemento a Metrópole e ao Norte Fluminense.

Setores da economia, estruturas e perfil dos municípios

Entendemos que, para a compreensão das dinâmicas econômicas urbanas e das relações internacionais associadas ao recorte analisado, é necessário observar informações relativas à empregabilidade no campo de estudo delimitado, neste caso, as Capitais Regionais do estado do Rio de Janeiro. Para tanto, foram utilizadas bases de dados de dois órgãos do Governo Federal responsáveis pela centralização, sistematização e divulgação de informações estatísticas: o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

No que diz respeito ao IBGE, buscamos os dados do Cadastro Central de Empresas (CEMPRE)³ que disponibiliza informações em diferentes recortes, entre eles o de municípios, como dados referentes a empregabilidade, massa salarial média e número de empresas cadastradas nesse recorte espacial. De acordo com o IBGE (2024b) o CEMPRE organiza seus dados a partir da coleta de dados no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) e abrange entidades empresariais, órgãos da administração pública e instituições privadas sem fins lucrativos. o instituto ainda expõe que

³ Disponível em : <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/comercio/9016-estatisticas-do-cadastro-central-de-empresas.html?edicao=37088&t=downloads>

A atualização dos dados cadastrais e econômicos do CEMPRE é realizada, anualmente, conjugando informações do IBGE provenientes das pesquisas estruturais por empresas nas áreas de Indústria, Construção, Comércio e Serviços e do Sistema de Manutenção Cadastral - SIMCAD; bem como do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ, da Receita Federal; e do Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas - eSocial, da Relação Anual de Informações Sociais - RAIS e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - CAGED, ambos registros administrativos do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). (IBGE, 2024b, p. 13-14).

Dessa forma, observa-se que os dados disponibilizados pelo IBGE resultam da articulação de múltiplas fontes de informação e, quando comparados a dados provenientes de outras bases, como os do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que serão analisados mais adiante, podem apresentar divergências numéricas. Tais diferenças, contudo, não indicam inconsistências ou erros em uma ou outra base, mas refletem processos de complementação, consolidação e aprimoramento metodológico adotados pelo IBGE na sistematização das informações.

A partir dessa constatação, é possível identificar algumas situações relevantes. A primeira refere-se ao volume de pessoas empregadas em cada município analisado, destacando-se Macaé como o município com maior número de trabalhadores ocupados, seguido por Campos dos Goytacazes e Petrópolis (Quadro 2). Esse resultado chama a atenção quando confrontado com os dados populacionais, uma vez que Campos dos Goytacazes ocupava, em 2022, a quinta posição entre os municípios mais populosos do estado, com 483.540 habitantes, Petrópolis a nona, com 278.881 habitantes, enquanto Macaé figurava apenas na décima primeira posição, com 246.391 habitantes (IBGE, 2023). Essa discrepância indica que Macaé apresentava, em 2022, uma taxa de ocupação equivalente a 40,51% de sua população total, ao passo que Campos dos Goytacazes registrava 21,92% e Petrópolis 32,27% de pessoas ocupadas.

Quadro 1 - Dados de empregabilidade nos municípios observados (2022)

Municípios	Pessoal Ocupado	Salário Médio em Salários Mínimos	Salário nominal médio	Empresas Atuentes
Areal	3.724	2,4	2.878,93	610
Armação dos Búzios	18.173	2,0	2.449,50	2.967
Arraial do Cabo	9.560	2,0	2.399,89	1.418
Barra Mansa	40.291	2,0	2.411,51	6.809
Cabo Frio	56.886	1,9	2.357,45	10.935
Campos dos Goytacazes	105.994	2,2	2.724,96	15.771
Carapebus	2.993	2,2	2.654,18	281
Casimiro de Abreu	9.391	1,9	2.329,33	1.641
Conceição de Macabu	3.149	2,0	2.472,26	548
Macaé	140.346	5,8	7.071,74	10.267
Petrópolis	91.461	2,3	2.796,31	14.951
Pinheiral	4.889	1,6	1.982,78	758
Rio das Ostras	39.120	3,7	4.443,44	5.822
São João da Barra	16.244	4,6	5.577,16	1.226
São Pedro da Aldeia	23.074	2,8	3.431,45	3.244
Volta Redonda	90.663	2,0	2.478,31	11.183

Fonte: CEMPRE - IBGE (2024b); Autor (2025). Salário Mínimo em 2022 era de R\$: 1.212,00

Os dados analisados também evidenciam outros dois aspectos relevantes. O primeiro refere-se à concentração de empresas, que, entre os municípios observados, é mais expressiva em Campos dos Goytacazes, seguida por Petrópolis. O segundo diz respeito ao salário médio, indicador que aponta para distintos níveis de especialização e qualificação da força de trabalho em determinadas atividades econômicas. Nesse quesito, destaca-se Macaé, que apresentou, em 2022, um salário médio de R\$ 7.071,74, seguida por Rio das Ostras, com salário médio de R\$ 4.443,44.

A fim de compreender com maior detalhe a estrutura econômica desses municípios buscamos nos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)⁴ uma setorização da empregabilidade registrada no município (Quadro 3).

Observamos nesse dado uma questão importante para a economia dessas cidades, e por consequência do país, a concentração de empregos no setor de serviços. O setor de serviços tem sido responsável por boa parte do crescimento do Produto Interno Bruto do país (Gráfico 2)⁵ e, como apontado pelo quadro 3, apresenta relevância na empregabilidade nos municípios observados.

Quadro 2 - Dados de empregabilidade por setor econômico nos municípios observados (2022)

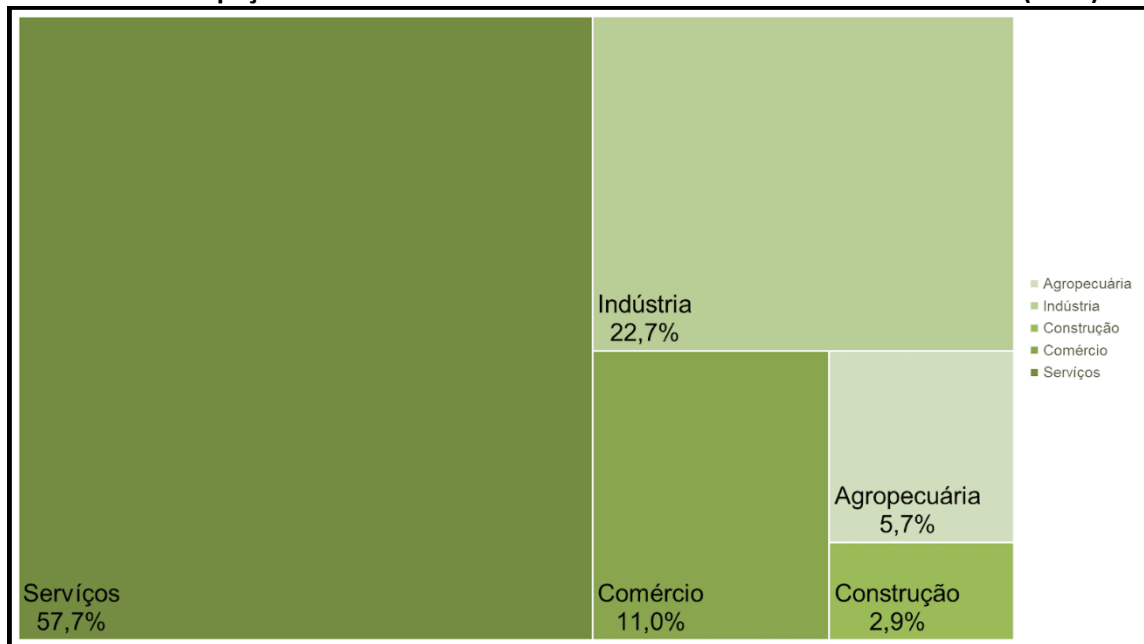
Município	Agropecuária	Indústria	Construção	Comércio	Serviços	Total
Areal	129	428	477	483	1.472	2.989
Armação dos Búzios	1	103	280	3.151	11.387	14.922
Arraial do Cabo	0	74	192	1.034	6.583	7.883
Barra Mansa	393	4.654	1.060	7.957	20.008	34.072
Cabo Frio	180	1.897	886	12.370	27.706	43.039
Carapebus	50	107	23	331	2.149	2.660
C. dos Goytacazes	1.685	7.858	4.950	23.254	55.364	93.111
Casimiro de Abreu	190	328	839	2.099	4.550	8.006
Conc. de Macabu	178	126	4	589	1.911	2.808
Macaé	404	34.319	16.256	14.456	70.103	135.538
Petrópolis	432	13.541	3.117	16.750	38.547	72.387
Pinheiral	27	1.027	58	807	2.431	4.350
Rio das Ostras	65	4.875	2.203	7.030	20.063	34.236
São João da Barra	111	1.863	2.468	1.120	10.901	16.463
São Pedro da Aldeia	131	1.230	790	5.748	12.097	19.996
Volta Redonda	74	22.971	3.807	17.175	37.984	82.011

Fonte: RAIS - MTE (2024); Autor (2025).

⁴ Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/estatisticas-trabalho/rais/rais-anos-anteriores>

⁵ Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/1846>

Gráfico 1 - Participação dos setores econômicos no Produto Interno Bruto do Brasil (2022)



Fonte: IBGE (2025); Autor (2025).

O expressivo volume de empregos no setor de serviços constitui um dos principais parâmetros para a interpretação das relações urbanas sob a lógica da urbanização contemporânea, pautada pela dinâmica econômica do consumo de bens e serviços no contexto do neoliberalismo. Essa dinâmica contribui, ainda, para a elevada participação do setor de comércio na estrutura da empregabilidade dos municípios analisados.

Nessa perspectiva, é possível indicar que tais valores também estejam associados ao avanço da terceirização e da chamada “pejotização”, processo que desloca o trabalhador da condição formal de empregado para a de prestador de serviços ou empreendedor. Essa leitura encontra respaldo no contexto político e institucional vivenciado entre 2016 e 2017, marcado pela reforma trabalhista, que promoveu a flexibilização e a desregulamentação de diversas normas do trabalho, em consonância com uma orientação neoliberal (Monteiro, 2022).

A partir desse conjunto de dados, observa-se que, no âmbito da reestruturação produtiva do estado do Rio de Janeiro, o setor industrial, embora apresente participação secundária na empregabilidade — com exceção dos municípios de Volta Redonda, Pinheiral e Macaé —, exerce papel econômico relevante. Em grande parte dos

municípios analisados, a indústria corresponde ao maior ou ao segundo maior valor agregado ao Produto Interno Bruto municipal, resultado associado ao elevado valor agregado dos produtos industrializados ou vinculados à atividade industrial, como ocorre no caso do petróleo, e não apenas à dimensão física da estrutura industrial local.

O setor de serviços, por sua vez, também apresenta participação expressiva nas economias municipais, figurando, na maioria dos casos, como o segundo maior componente do PIB. Em municípios como Barra Mansa, Macaé, Petrópolis e São Pedro da Aldeia, esse setor assume, inclusive, a maior participação no valor agregado.

Dessa forma, a articulação desses indicadores permite compreender a estrutura e a função dos municípios analisados e de seus respectivos Arranjos Populacionais no interior da rede urbana, evidenciando um papel duplo na economia regional, tanto na esfera da produção quanto do consumo, ainda que esses dois vetores não se configurem como necessariamente interdependentes no âmbito do consumo interno, conforme será discutido a seguir.

Relações internacionais, posição geográfica na função das cidades

A partir da compreensão das lógicas e dinâmicas de fragmentação, articulação e reestruturação produtiva no estado do Rio de Janeiro, torna-se possível avançar na análise de aspectos relacionados à interpretação das cidades e de seus Arranjos Populacionais enquanto Capitais Regionais inseridas na rede urbana brasileira.

Nesse sentido, é pertinente iniciar a discussão a partir das contribuições de Rochefort (1998) acerca das noções de rede urbana e de arcabouço urbano. Ao analisar o caso francês, o autor destaca a organização do espaço urbano a partir da valorização de centralidades secundárias em relação à capital, bem como das concepções e espacializações de elementos geradores de fluxos, especialmente os fluxos de pessoas. Rochefort (1998) também enfatiza as relações de dependência, concorrência e complementaridade estabelecidas entre os diferentes centros urbanos.

Segundo Rochefort (1998, p. 20), a diferenciação dos centros na rede urbana ocorre em função da natureza e da frequência dos serviços ofertados, uma vez que “a diferenciação dos centros assenta unicamente na maior ou menor frequência dos recursos ao serviço, o que implica maior ou menor ‘raridade’ deste no espaço regional, em decorrência da necessária rentabilidade de sua localização”. Essa interpretação dialoga com a noção de alcance espacial mínimo e máximo proposta por Christaller (1966), que fundamenta a ideia de centralidade a partir da localização de empreendimentos e da necessidade de deslocamento da população para áreas onde sua implantação e manutenção se tornam viáveis.

Esse processo, quando observado a partir de cidades classificadas como Capitais Regionais, implica uma articulação multiescalar que envolve tanto a relação com suas hinterlândias e áreas de entorno quanto as conexões com centros urbanos de distintos níveis hierárquicos, configurando trocas de fluxos de bens e de pessoas, desde aquelas de caráter cotidiano até as de maior periodicidade.

Nesse contexto, os dados econômicos dos municípios analisados, associados às informações de empregabilidade discutidas no capítulo anterior, contribuem para a compreensão das funções desempenhadas por essas cidades na rede urbana, bem como da influência de suas posições geográficas na hierarquia urbana que ocupam.

Observando os dados de Produto Interno Bruto (PIB) é possível compreender a centralidade expressa pelos municípios que nomeia os Arranjos Populacionais dessas Capitais Regionais, com exceção do caso de Campos dos Goytacazes e São João da Barra, onde ambos os municípios apresentam dados relevante no que se refere ao PIB municipal. Campos dos Goytacazes, entre todos os municípios que compõem as Capitais Regionais, apresenta os maiores valores de PIB, representando 26,23% da soma do PIB do recorte observado⁶.

⁶ Campos dos Goytacazes apresenta 42,88% do PIB no setor agropecuário, 33,85% no setor industrial, 22,89% no setor de serviços e 20,18% no setor administrativo. Os segundos maiores valores foram registrados, nos setores agropecuário e administrativo, por Macaé, com 8,78% e 15,95%, respectivamente; no setor de serviços, por Petrópolis, com 13,77%; e no setor industrial e no valor total, por Volta Redonda, com 14,13% e 13,88%, respectivamente.

No que se refere à balança comercial, os dados de importação indicam uma relação mais intensa com os Estados Unidos da América, seguidos por França, China, Alemanha e Reino Unido. Nesse contexto, destaca-se o município de Petrópolis, que concentra aproximadamente 75% do valor total das importações do recorte analisado. A única exceção ocorre nas relações com a China, nas quais o município de Volta Redonda se sobressai, respondendo por 43,65% das importações. Já nas relações com a Alemanha e com o Reino Unido, o município de São João da Barra assume posição de destaque, concentrando, respectivamente, 55,50% e 64,81% dos valores importados.

Em relação às importações, buscando um aprofundamento sobre a composição dos valores negociados, compreendendo a tipologia de produto e seu valor agregado a balança comercial, podemos observar que, na relação entre Petrópolis e o Estados Unidos 88,32% do valor de importação refere-se a “Turborreactores, turbopropulsores e outras turbinas a gás”, sendo pautada pela presença da GE *Aerospace* Celma na cidade e pela função de manutenção aeronáutica desse espaço⁷, o mesmo ocorre na relação com a França, cujo a participação do produto na importação representa, nas relações com o país, 87,99%.

No que se refere às relações comerciais entre Volta Redonda e a China, observa-se que 89,49% das importações estão classificadas como “coques e semicoques de hulha, de linhita ou de turfa, mesmo aglomerados; carvão de retorta”, resultado diretamente associado à atuação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) no município.

Já em São João da Barra, as importações apresentam forte especialização setorial. Nas relações com a Alemanha, 87,03% dos valores importados correspondem a “grupos eletrogêneos e conversores rotativos, elétricos”. Por sua vez, nas relações com o Reino Unido, 47,64% das importações referem-se a “gás de petróleo e outros hidrocarbonetos gasosos”, enquanto 21,91% correspondem a “outras estruturas flutuantes (por exemplo, balsas, reservatórios, caixões, boias de amarração, boias de sinalização e

⁷ Disponível em: <https://www.petropolis.rj.gov.br/pmp/index.php/noticias/item/20023-for%C3%A7a-da-ind%C3%BAstria-de-petr%C3%B3polis-7-segmentos-movimentam-a-economia-local>

similares)”. Todas essas relações estão diretamente vinculadas à presença e à atuação do Porto do Açu no município.

A relação de exportação nos municípios observados nos apresenta que, dos cinco países com maiores valores agregados quatro apresentam esses valores nas relações com São João da Barra e apenas um diverge e passa a interagir com Volta Redonda⁸.

Nas relações comerciais entre São João da Barra e os Estados Unidos, observa-se, em consonância com a lógica identificada nas importações, que 99,07% do valor das exportações correspondem a “óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos”. De forma semelhante, nas relações com a Índia, 100% do valor exportado está associado a esse mesmo produto, padrão que também se repete nas exportações destinadas à China e à Espanha, sendo que, neste último caso, 99,94% do total exportado corresponde a essa categoria. Por sua vez, o município de Volta Redonda apresenta 100% de suas exportações vinculadas a “produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, de largura igual ou superior a 600 mm”, em seus diferentes formatos, refletindo a especialização produtiva associada à atividade siderúrgica local.

Considerações Finais

Evidencia-se, portanto, uma conexão direta entre a estrutura produtiva de cada cidade e suas relações internacionais de comércio, especialmente quando a análise é orientada pela perspectiva da reestruturação produtiva e pelas dinâmicas derivadas da fragmentação territorial do estado do Rio de Janeiro, resultantes do desenvolvimento desigual de suas regiões.

Nesse sentido, pode-se conceber que a presença industrial é elemento central para a relevância das Capitais Regionais C do estado, sendo complementada pelas atividades de comércio e serviços. Os dados de empregabilidade e de Produto Interno Bruto corroboram essa interpretação, uma vez que, em todos os municípios analisados,

⁸ São João da Barra apresenta, nas relações com o Estados Unidos 55,10% dos valores do recorte, com a Índia 99,89% dos valores, com a China 48,10% e com a Espanha 88,81%. Já Volta Redonda apresenta 98,72% dos valores de exportação do recorte para Portugal.

observa-se uma relação significativa entre a economia local e os setores industrial e de serviços, além de suas articulações regionais, expressas por elevados níveis de ocupação e de valor agregado ao PIB.

Como desdobramento dessa análise, torna-se possível classificar os Arranjos Populacionais de acordo com os principais vetores de sua importância econômica. Campos dos Goytacazes destaca-se pelas relações internacionais mediadas pelo Porto do Açu e pelo escoamento da produção mineral e petrolífera; Macaé–Rio das Ostras pela produção petroquímica e seu beneficiamento parcial; Cabo Frio, como extensão funcional da metrópole, pelo predomínio dos serviços e do turismo; Petrópolis, na periferia metropolitana, pelo desenvolvimento da indústria mecânica; e Volta Redonda–Barra Mansa como polo siderúrgico.

Outro aspecto relevante evidenciado pela análise dos dados e da bibliografia é que a interpretação corrente de um processo generalizado de desindustrialização no estado do Rio de Janeiro não se confirma. O que se observa, de fato, é um processo de interiorização da atividade industrial, ora sob novos formatos produtivos, ora associado a dinâmicas históricas consolidadas, ao mesmo tempo em que a metrópole reforça seu papel centralizador na gestão e no comando das atividades econômicas, fenômeno identificado em outra escala por Reolon (2013).

Ademais, a análise metodológica, especialmente a articulação entre os dados empíricos e o referencial teórico, evidencia que os processos de reestruturação econômica, o desenvolvimento industrial do interior fluminense e as relações fragmentadas com os mercados externos contribuem para o reforço do papel intermediário das Capitais Regionais analisadas. Tal dinâmica confirma uma lógica sistêmica da rede urbana contemporânea, marcada pela articulação simultânea de hierarquias e heterarquias (Catelan, 2013) e pela emergência de novas relações econômicas globais.

Em síntese, com exceção de Cabo Frio, todas as Capitais Regionais do estado do Rio de Janeiro mantêm uma forte vinculação com a industrialização de seus territórios, ainda que em muitos casos de forma tardia. Embora as atividades complementares de outros

Santiago, Reestruturação produtiva e dinâmicas de produção nas capitais regionais do

Estado do Rio de Janeiro

DOI: 10.51308/continentes.v1i29.836

setores apresentem, por vezes, valores superiores, é o elevado valor agregado industrial que se afirma como elemento central de diferenciação e de materialização da posição hierárquica desses espaços na rede urbana fluminense. Rio de Janeiro.

Referências Bibliográficas

Banco Mundial. *Banco Mundial Dados - PIB US\$ Corrente*. 2025. Disponível em <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?year_high_desc=true>

BORÇA JUNIOR, Gilberto Rodrigues; TORRES FILHO, Ernani Teixeira. Analisando a crise do subprime. *Revista do BNDES*, Rio de Janeiro, v.15, n.30, p. 129-159, dez. 2008.

BRASIL, Secretaria de Comércio Exterior - SECEX. *Dados por Municípios*. [s.l.], 2025. Disponível em: <<https://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio/120288>> Acesso em: 20 fev. 2025.

CATELAN, Márcio José. *Heterarquia urbana: interações espaciais interescares e cidades médias*. Cultura Acadêmica, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47.

CHRISTALLER, Walter. *Central places in Southern Germany*. Translated from Die Zentralen Orte Süddeutschland by Carlisle W. Baskin. New Jersey: Prentice-Hall, INC. Englewood Cliffs, 1966.

GOMES, Maria Teresinha Serafim. Reestruturação produtiva em cidades médias: uma análise das empresas industriais do oeste paulista. *GEOUSP Espaço e Tempo* (Online), v. 14, n. 2, p. 93-104, 2010.

HARVEY, D. *Os limites do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013. 590p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2022: população e domicílios: primeiros resultados* / IBGE, Coordenação Técnica do Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. 75p. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html?edicao=37225&t=publicacoes>>. Acesso em 10 jan. 2025.

_____. *Estatísticas do cadastro central de empresas: 2022* / IBGE, Coordenação de Cadastros e Classificações. Rio de Janeiro: IBGE, 2024b. 80p. Disponível em : <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/comercio/9016-estatisticas-do-cadastro-central-de-empresas.html?edicao=37088&t=downloads>>. Acesso em 10 jan. 2025.

_____. *Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA*. Contas Nacionais Trimestrais: Tabela 1846 - Valores a preços correntes. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em : <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/1846>>. Acesso em 10 jan. 2025.

MONTEIRO, Davi Santos. *A pejetização como forma de fraude às relações de emprego*. 2022. 39 f. Monografia (Graduação em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/72955>>. Acesso em 10 jan. 2025.

Santiago, *Reestruturação produtiva e dinâmicas de produção nas capitais regionais do Estado do Rio de Janeiro*
DOI: 10.51308/continentes.v1i29.836

OLIVEIRA, Floriano José Godinho de. *Reestruturação produtiva e regionalização da economia no território fluminense*. 2003. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho de; OLIVEIRA, Leandro Dias de. *Espaço metropolitano, regionalização da economia e reestruturação produtiva no Estado do Rio de Janeiro, Brasil*. Cuyonomics. Investigaciones En Economía Regional, v. 4, n. 5, p. 39-65, 2020.

OLIVEIRA, Leandro Dias de; SOUZA RAMÃO, Felipe de; MASCARENHAS, Gilmar. URBANIZAÇÃO TURÍSTICA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA CIDADE DE CABO FRIO–RJ: UM BALANÇO CRÍTICO (1997-2018). *Revista Tamoios*, v. 16, n. 2, 2020.

PIQUET, Rosélia. *Norte Fluminense: uma região petrodependente*. Telha, 2021.

PIQUET, Rosélia; TAVARES, Érica; PESSÔA, João Monteiro. Emprego no setor petrolífero: dinâmica econômica e trabalho no Norte Fluminense. *Cadernos Metrópole*, v. 19, p. 201-224, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2017-3808>>

REOLON, Cleverson Alexsander. *Produção industrial e comando do capital no Brasil: uma análise espacial*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. ISBN 9788579834660

ROCHEFORT, Michel. *Redes e sistemas: ensinando sobre o urbano e a região*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, María Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, W. R.; SCHOR, T. (Org). *Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Resende e Parintins*. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2022.

SOJA, Edward W. *Geografias Pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 324p

SPOSITO, Eliseu Savério. Reestruturação produtiva e reestruturação urbana o Estado de São Paulo. Scripta Nova. *Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, v. 11, 2007.

Data de Submissão: 28/06/2026

Data da Avaliação: 28/08/2026